

CRIANÇA: GÊNERO E SEXUALIDADE NO PROCESSO EDUCATIVO

CHILD: GENDER AND SEXUALITY IN THE PROCESS EDUCATIONAL

Maria de Fátima Dantas de Souza **1**
Cynara Teixeira Ribeiro **2**

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir o desenvolvimento da sexualidade e do gênero na infância e o papel dos educadores neste processo. Para tanto, diferencia os conceitos de sexo, sexualidade e gênero, assim como trata a especificidade da sexualidade infantil em relação à sexualidade adulta. Aborda ainda o brincar como atividade através da qual as crianças internalizam padrões sociais no que tange à sexualidade e ao gênero, além de favorecer a exploração de diferentes papéis pela via da imaginação. Tais temáticas podem e devem ser trabalhadas na educação infantil, porém os educadores enfrentam dificuldades de diversas ordens. Nesse sentido, através de um relato de experiência, serão apresentadas algumas possibilidades no que diz respeito ao trabalho pedagógico com sexualidade e gênero, contendo reflexões acerca de como este pode favorecer que as crianças vivenciem suas relações de formas menos estereotipadas. Conclui-se acerca da importância da discussão destas temáticas nos cursos de formação dos educadores a fim de subsidiar práticas e intervenções que favoreçam nas crianças a construção de sua sexualidade e as permitam vivenciar as relações de gênero de forma não coercitiva.
Palavras-chave: Sexualidades. Relações de gênero. Infância. Educação infantil. Formação docente.

Abstract: This article aims to discuss the development of sexuality and gender in childhood and the role of educators in this process. Therefore, it differentiates the concepts of sex, sexuality and gender, as well as treats the specificity of child sexuality in relation to adult sexuality. It also deals the playing as an activity through which children internalize social standards regarding sexuality and gender, as well as favor the exploration of different roles through the imagination. Such issues can and should be addressed in early childhood education, but educators face difficulties of various kinds. In this sense, through an experience report, some possibilities will be presented regarding the pedagogical work with sexuality and gender, containing reflections on how this can favor children to experience their relationships in less stereotyped ways. It is concluded that it is important to discuss these issues in the training of educators to subsidize practices and interventions that encourage children to construct their sexuality and to experience gender relations in a non-coercive way.
Keywords: Sexualities. Gender relations. Childhood. Child education. Teacher training.

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) **1**
da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3221604165169668>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2470-5705>.
E-mail: fatimaufrn@yahoo.com.br

Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1018577427983026>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7109-2630>.
E-mail: cynara_ribeiro@yahoo.com.br

Introdução

No âmbito desse texto, entendemos sexualidade como a forma cultural pela qual os sujeitos vivem seus desejos e prazeres corporais e gênero como uma condição social pela qual os indivíduos são identificados como homens e mulheres. Desse modo, sexualidade e gênero são compreendidos como estando intrinsecamente vinculados, mas não são sinônimos.

Na nossa cultura, as relações entre sexualidade e gênero são representadas através de associações entre os modos de falar, pensar e agir com determinado sexo biológico (masculino ou feminino). Entretanto, é importante ressaltar que tais associações não são naturais, pelo contrário, são socialmente construídas e específicas a determinados contextos históricos e culturais.

As crianças manifestam questões relativas à sexualidade e gênero em diversas situações e interações escolares e não-escolares, e ambos têm influência direta sobre sua maneira de viver, de ser e de se projetar na sociedade. Na verdade, diversos gostos, gestos e comportamentos das crianças expressam como estas lidam com os padrões sociais relativos à sexualidade e ao gênero, na medida em que tais construtos ultrapassam a dimensão biológica e envolvem também a cultura.

Assim, esse trabalho objetiva discutir o desenvolvimento da sexualidade e do gênero na infância e o papel dos educadores neste processo. A relevância desta discussão reside no fato, apontado na literatura, de que, em sua maioria, os educadores infantis sentem-se despreparados para lidar e intervir quando se deparam com manifestações infantis relacionadas à sexualidade e ao gênero no âmbito do processo educativo (SILVA; MEGID NETO, 2006; VIANNA, FINCO, 2009; SILVEIRA, 2010; MAIA; SPAZIANI, 2010; RODRIGUES; WECHSLER, 2014).

A importância de abordar esses dois temas é indiscutível, motivo pelo qual ambos vêm constituindo-se enquanto objeto de estudo de diferentes campos de saber: educação, psicologia, antropologia, etc. Assim, apesar dos tabus existentes no que tange a essas temáticas, educadores precisam se conscientizar que a criança possui uma sexualidade qualitativamente diferente da dos adultos e que essa não determina, mas relaciona-se à construção de seus papéis, relações e identidade de gênero.

Para aprofundar tais reflexões, este trabalho inicialmente aborda as diferenças entre os conceitos de sexo, sexualidade e gênero, mostrando como tais construtos articulam-se à cultura. Posteriormente, discute-se a noção de sexualidade infantil e suas especificidades em relação à sexualidade adulta e o modo como tanto sexualidade quanto o gênero são expressos pelas crianças através do brincar. Por fim, é trazido um relato de experiência com uma turma de crianças entre 4 e 5 anos de idade de uma escola municipal de Natal e são analisados alguns dados dela oriundos.

Discutindo o Conceito de Sexo, Sexualidade e Gênero

Ainda nos dias de hoje é possível perceber que comumente os termos sexualidade e gênero são tratados como sinônimos, apesar de não o serem. Ambos são também confundidos com a palavra sexo. Porém, enquanto sexo está relacionado à identidade biológica de uma pessoa (ter nascido com caracteres sexuais masculinos ou femininos), sexualidade remete à forma de expressar seus desejos e prazeres, e gênero refere-se à sua construção social como sujeito feminino e masculino.

Assim, tanto sexualidade quanto gênero são socialmente construídos a partir das experiências sociais de cada indivíduo, considerando as normas da cultura da qual este participa. Sobre esta relação entre sexualidade e padrões sociais, Nunes (1997, p. 15) afirma que

As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes. Esse relativismo [...] nos permite perceber a construção social da sexualidade sem, contudo, fazê-lo de modo destrutivo ou imaturo.

Com o objetivo de especificar como ocorre a construção social da sexualidade infantil, Mauss (2003, p. 215) afirma que a criança tende a reproduzir comportamentos e valores dos adultos com quem convive, observando a sua maneira de se comportar e do que admite como sendo certo e errado. Assim, segundo esse autor,

A criança, como o adulto, imita os hábitos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestado a série de movimentos de que ele se compõe do ato executado à sua frente ou com ele pelos outros.

Por sua vez, gênero diz respeito ao modo como a sociedade nos reconhece enquanto mulheres e homens a partir das diferentes atitudes, crenças e valores socialmente esperados em função do sexo biológico. Segundo Sayão (2003, p. 72), as crianças são impulsionadas, de acordo com seu sexo, a interessar-se por atividades que lhes ensinam os papéis tradicionais dos adultos da sua cultura e, nesse sentido,

O gênero não é um produto acabado ao nascimento. Ele extrapola as identidades que vão sendo experimentadas/sentidas pelos sujeitos, porque as instituições sociais (o Estado, a família, a creche, a escola) também expressam relações de gênero que podem entrar em conflito ou contradição com as subjetividades.

Em perspectiva semelhante, a historiadora Scott (1995) argumenta que o gênero indica o caráter social das diferenças baseadas no sexo, colocando em questão a naturalização das características tidas como femininas ou masculinas que são fixadas culturalmente como pertencentes a estes polos. Recusando o determinismo biológico, afirma que o gênero indica a criação social de ideias sobre os papéis ajustados aos homens e às mulheres. Dessa forma, o conceito de gênero remete aos padrões culturais esperados para homens e mulheres e, como tais padrões mudam de acordo com contextos históricos e sociais, as expectativas de gênero sofrem constantes mudanças.

Entretanto, apesar do conhecimento de que gênero e sexo são coisas distintas, existem muitos preconceitos em relação às pessoas que manifestam uma identidade de gênero diferente do sexo biológico bem como papéis e relações de gênero que contrariam as expectativas sociais. Isso ocorre porque a sociedade é presa a padrões que dizem que todos devem viver de acordo com seu sexo biológico e considera toda manifestação diferente das expectativas sociais como anomalia ou errado.

Para aprofundar essas distinções, será discutido a seguir alguns aspectos da formação da sexualidade infantil e suas diferenças em relação à sexualidade adulta.

Sexualidade Infantil e Sexualidade Adulta

Durante muitos séculos a sociedade compreendeu a sexualidade como estando associada ao ato sexual, atribuindo-lhe, portanto, exclusivamente aos adultos. Porém, a proposição da existência de uma sexualidade infantil permitiu ressignificar as concepções a esse respeito, a partir do que a sexualidade passou a ser entendida como um dos aspectos do desenvolvimento humano.

Em seu ensaio inicial sobre a sexualidade, publicado em 1905, Sigmund Freud argumenta que a sexualidade se inicia no início da vida e é, conseqüentemente, equivalente a qualquer outra experiência, porque o corpo é o seu maior instrumento. E, ao contrapor à tese segundo a qual se devem impor inúmeras proibições ao corpo da criança, Freud (2016, p. 77) atribui a inflexibilidade do adulto a respeito da sexualidade das crianças à amnésia por parte do adulto acerca de sua própria sexualidade infantil. Ele afirma:

Acho que a amnésia infantil que torna a infância do indivíduo uma espécie de tempo pré-histórico, escondendo-lhe os primórdios de sua vida sexual, é responsável pelo fato de geralmente não se dar valor ao período da infância no desenvolvimento da vida sexual.

A partir das contribuições freudianas, pode-se constatar que a sexualidade infantil é bem diferente da sexualidade adulta, tanto no que se refere às intenções e conceitos quanto aos seus

componentes e interesses. Na vida sexual do adulto, o ápice do prazer é associado ao ato sexual, voltado para sua principal zona erógena que são os órgãos genitais. Assim, na fase adulta, pode-se dizer que há um objeto privilegiado para o instinto sexual, enquanto na infância suas incitações são, predominantemente, autoeróticas. Para Freud (2016, p. 111), a excitação sexual infantil surge

a) imitando uma satisfação experimentada com outros processos orgânicos, b) pela adequada estimulação periférica de zonas erógenas, c) como expressão de alguns “instintos” cuja procedência ainda não nos é inteiramente compreensível, como o instinto de olhar.

Porém, essas sensações infantis são tratadas, na maioria das vezes, como algo impróprio ou constrangedor, razão pela qual devem ser proibidas. Tal fato acaba reprimindo que as crianças vivenciem aspectos de sua sexualidade que contribuiriam para seu autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, afetivo e cognitivo.

Segundo Sayão (2003, p. 74),

A sexualidade das crianças mostra-se para os adultos mediante a observação de que o corpo dos meninos e das meninas é um organismo vivo e que se expressa de diferentes maneiras, levando-nos a crer que muitas dessas manifestações não são somente coisas de ‘gente grande’. Quando demonstrações empreendidas pelas crianças são caracterizadas pelos adultos como circunscritas a manifestações sobre a sexualidade, a primeira alternativa parece ser buscar ou atribuir às famílias a razão para tal precocidade.

De fato, a sexualidade é, em grande parte, influenciada por sistemas de valores familiares, culturais e sociais no meio em que vive. Estes valores são, muitas vezes, impostos, reprimidos e normatizados por influências religiosas e morais, que submetem a criança a determinados modelos ideológicos que influenciam sua expressão. Porém, atribuir ao meio a total responsabilidade pelas manifestações sexuais infantis e, além disso, caracterizá-las como precoces mostra o quanto a sexualidade infantil é ainda pouco compreendida por muitos.

A Educação Infantil e o Educador no que Tange ao Trabalho Pedagógico com Sexualidade e Gênero na Escola

No âmbito dos estudos que discutem a educação na infância, as preocupações com o desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo da criança ou mesmo com as propostas pedagógicas e políticas públicas para a faixa etária de zero a seis anos são majoritárias. Assim, as relações de gênero e a construção da sexualidade infantil não se constituem enquanto foco privilegiado de atenção.

Além disso, tais temáticas em geral são pouco discutidas nos cursos de formação dos educadores infantis. Essa lacuna formativa acaba por impor algumas dificuldades para os educadores infantis trabalharem, em sala de aula, a sexualidade. Outra razão que dificulta esse trabalho são os princípios morais ligados a este tema, os quais ainda estão fortemente inseridos em nossa cultura pelos valores cristãos, o que faz com que as educadoras reproduzam, em seus discursos e práticas, tais valores, ou sintam-se intimidadas para abordar essa temática, mesmo que seja de forma transversal.

Desta forma, diante dessa lacuna formativa e da pouca visibilidade desse tema nos materiais voltados para professores, muitos educadores têm tomado para si a responsabilidade de atuarem como repressores da sexualidade infantil, na tentativa de moldarem os comportamentos que consideram apropriados para crianças bem como aos papéis sociais atribuídos para meninos e meninas.

Na maioria das vezes, tais educadores adotam uma perspectiva bastante tradicional, segundo a qual a aprendizagem ocorre apenas através da transmissão de conhecimentos, acreditando que não é possível desenvolver e estimular nos alunos além de capacidades cognitivas. Nesse sentido,

entendem que a educação sexual ou é imprópria, por supostamente fornecer conhecimentos que julgam estimular a curiosidade por questões sexuais, ou deve consistir em uma perspectiva normativa de dizer às crianças o que pode ou não pode e o que é considerado correto e errado.

Desse modo, o que se percebe, na realidade de muitas escolas de educação infantil, é educadores reprimindo crianças por suas manifestações no âmbito da sexualidade. Muitas vezes, tais educadores não sabem como se aproximar delas nem de que maneira abordar o assunto. Por exemplo, ao ouvirem uma criança se referir a outra como sendo seu namorado ou sua namorada, compreendem isto dentro do parâmetro de adulto, às vezes desesperando-se, às vezes estimulando, mas nunca observando pela ótica da descoberta infantil e da apropriação que esta criança está fazendo dos papéis sociais.

No entanto, ao ingressar em uma escola de educação infantil, a criança já tem vivências e saberes construídos no âmbito familiar e nas relações com o mundo que a cerca. Portanto, as educadoras devem acolher as manifestações de seus alunos sem reproduzir valores morais reprovadores, como se a sexualidade fosse algo negativo ou pecaminoso. Assim sendo, segundo Macedo (2006), é importante “abordar a sexualidade com base na vivência da criança, em suas relações afetivas e experiência com o mundo”.

Além disso, é essencial que as crianças possam vivenciar sua sexualidade sem repressões, castigos e imposições bem como construir relações de gênero de forma não coercitiva. Pois é desde a infância que a criança pode aprender a respeitar, valorizar e desfrutar de seus direitos e do próximo e, nesse sentido,

Aprender a conviver e relacionar-se com pessoas que possuem habilidades e competências diferentes, que possuem expressões culturais e marcas sociais próprias, é condição necessária para o desenvolvimento de valores éticos, como a dignidade do ser humano, o respeito ao outro, a igualdade e a equidade e a solidariedade. A criança que conviver com a diversidade nas instituições educativas, poderá aprender muito com ela (BRASIL, 1998, p. 35).

Por isso, torna-se essencial que as práticas dos educadores levem em consideração as diferentes realidades e contextos das crianças, bem como sejam direcionadas à aceitação da diversidade, afastando estigmas preconceituosos que muitas vezes estão arraigados na sociedade. Ademais, é fundamental que os educadores infantis respeitem as formas de pensar e agir das crianças, ao mesmo tempo fazendo as mediações necessárias para o desenvolvimento de uma melhor compreensão das crianças sobre suas próprias condutas, tanto em relação ao próprio corpo como em relação ao corpo dos colegas. Assim, o papel dos educadores não é nem estimulação nem de vigilância repressiva.

É importante que a formação dos educadores infantis, tanto inicial quanto continuada, lhes ofereça um suporte teórico que permita compreender e superar algumas das muitas dificuldades com as quais se defrontam diariamente na prática escolar em relação à sexualidade infantil, bem como se conscientizar das necessidades de trabalhar a sexualidade enquanto tema transversal, oferecendo aos alunos a oportunidade de conhecer seu corpo e vivenciar sua sexualidade, com menos tabus, menos preconceitos e maior autonomia.

As Manifestações de Sexualidade e de Gênero no Brincar

Através da brincadeira, a criança experimenta uma infinidade de comportamentos relacionados a papéis de gênero, começando a distinguir os que são atribuídos ao sexo masculino e ao sexo feminino. No mais das vezes, em nossa sociedade, a representação de comportamentos masculinos e femininos assume um padrão de estereótipos inflexível e persistente.

Assim, quando alguns meninos demonstram comportamentos culturalmente reconhecidos como femininos (vestir uma saia, colocar colares e pulseiras, cuidar de bebês etc.) ou quando meninas também representam papéis reconhecidos como masculinos (brincar com carrinhos, bolas e pipas) é frequente haver reações alarmistas. Porém, diversas pesquisas indicam que se uma menina brinca com meninos ou com brinquedos ditos de meninos isso não necessariamente

impactará em sua orientação sexual ou identidade de gênero. De modo semelhante, se um menino chora ou brinca com bonecas, isto não vai torná-lo 'menos homem' ou 'afeminado'.

Mead (1999, p. 283) nos mostra que, seja qual for o sexo biológico, o comportamento das crianças depende do contexto cultural em que o sujeito se insere, ressaltando que

A ameaça de que não irá comportar-se como membro de seu próprio sexo é usada para impor mil detalhes de rotina educacional e asseio, maneiras de sentar e descansar, ideias de esportividade e honestidade, padrões de expressão de emoções e uma multidão de outros pontos em que reconhecemos diferenças de sexo socialmente definidas, tais como limites de vaidade pessoal, interesse em roupas ou em acontecimentos atuais.

Heilborn (1999) afirma que as formas de agir das crianças podem ter significados diferentes dentro de grupos de pessoas de uma determinada sociedade. Logo, os significados atribuídos a determinadas condutas que têm relação com a sexualidade, bem como a ideia que se tem sobre as experiências ou comportamentos tidos como sexuais, não podem ser generalizados, pois estão baseados em um sistema de classificação socialmente construído.

Na educação infantil, é no relacionamento entre crianças e mediado pelo educador que meninos e meninas são inseridos em uma rede de convivência que possui sistemas de regras e valores, interagindo e participando de construções sociais qualitativamente diferentes das que vivenciam no âmbito familiar. E ao observar as relações entre elas, é possível perceber que os estereótipos relativos aos papéis sexuais, bem como os preconceitos e discriminações ainda não foram totalmente internalizados pelas crianças, pois estas, na maioria das vezes, se sentem à vontade para brincar do que querem sem considerar as predeterminações de cunho social. São os adultos que esperam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de outro.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998a), o brincar é um precioso momento de desenvolvimento pessoal e social, favorecendo a construção da afetividade, da moralidade e do conhecimento. É ainda uma maneira através da qual o educador pode conhecer melhor a criança, na medida em que as relações desenvolvidas no momento do brincar favorecem múltiplas formas de expressão da criança, inclusive da sexualidade infantil. De acordo com Vigotsky (1991, p. 112),

No brinquedo, a criança opera com significados desligados dos objetos e ações aos quais estão habitualmente vinculados; entretanto, uma contradição muito interessante surge, uma vez que, no brinquedo, ela inclui, também, ações reais e objetos reais. Isto caracteriza a natureza da transição da atividade do brinquedo: é um estágio entre as restrições puramente situacionais da primeira infância e o pensamento adulto, que pode ser totalmente desvinculado de situações reais.

Desse modo, nas brincadeiras infantis, há um componente de imaginação que favorece a união entre elementos fictícios e da realidade. Além disso, meninos e meninas ainda não possuem a sexualidade da forma como ela está disseminada na cultura construída pelo adulto: as crianças vão aprendendo sobre padrões sexuais ao longo dos anos. Nesse sentido, por intermédio das relações sociais e do brincar, as crianças aprendem e se desenvolvem em um movimento dialético de apropriação da cultura (VIGOTSKY, 1991).

Dados de uma Experiência Abordando Sexualidade e Gênero na Sala de Aula

A experiência ora relatada foi realizada no âmbito de uma escola de educação infantil localizada na praia do meio da cidade de Natal/RN, no ano de 2015, com uma turma de 24 crianças (14 meninas e 10 meninos) de quatro a cinco anos. Sua proposição teve como objetivo perceber melhor o modo como estas crianças compreendiam e se posicionavam em relação aos papéis

sexuais e de gênero atribuídos pela sociedade aos brinquedos e brincadeiras infantis. A inspiração para a realização dessa prática veio de uma vivência em um evento da área educacional.

Tal iniciativa foi motivada por inquietações já vivenciadas pela autora com várias turmas no que diz respeito a certa estereotipia no modo como professores e crianças conduziam os momentos destinados ao brincar. Na maioria das vezes, meninas eram incentivadas a brincar com brinquedos rosas e considerados tipicamente femininos, enquanto meninos eram estimulados a brincar somente com carrinhos e bolas e a refutar determinados brinquedos e cores considerados típicos do universo feminino.

A experiência consistiu em propor uma atividade em grupo, na qual foram colocadas, no centro da sala de aula, duas caixas grandes: uma cor-de-rosa e outra azul, e foi falado que, dentro das caixas, havia brinquedos. Foi pedido que cada criança escolhesse uma das caixas e permanecesse com ela até que fosse aberta, sob a condição de que iria brincar somente com os brinquedos da caixa escolhida.

Na caixa azul, foram inseridos os seguintes brinquedos: bonecas, panelinhas, bichinhos de pelúcia, berço e mamadeiras. Já na caixa rosa havia bolas, carros, caminhões, motos e super-heróis.

No dia da atividade em questão, estavam presentes 20 crianças (11 meninas e 9 meninos). Como era de se esperar devido aos padrões sociais majoritários na nossa cultura, as meninas (exceto uma) se dirigiram para a caixa cor-de-rosa e os meninos (exceto um) se dirigiram para a caixa azul. Curiosamente, as duas que não escolheram as caixas nas cores socialmente esperadas eram consideradas na escola como crianças que apresentavam comportamentos de gênero diferentes da expectativa social.

Ao abrirem as caixas, as crianças demonstraram muito surpresa. Ouviram-se as seguintes frases de alguns alunos:

Menino 1: “Esse brinquedo tá errado, era pra tá na caixa das meninas”

Menina A: “Professora, tem carrinho na caixa rosa, e é de menino”

Menino 2: “Meu pai não deixa eu brincar de bonecas porque num é pra homem”

Menina B: “Se eu brincar com esse carrinho minha mãe vai brigar?”

Menina C: “Eu gosto de brincar de bola porque eu gosto de correr”

Menino 3: “(risadas) olha fulano brincando com as panelinhas”

Menina D: “Professora, a gente pode brincar de verdade com os carrinhos?”

Outras manifestações como estas foram feitas por meninos e meninas. E o mais interessante é que a menina que escolheu a caixa azul, assim como o menino que escolheu a caixa rosa, brincaram com satisfação, embora também esperassem brincar com os brinquedos cujo padrão social atribuíam ao outro sexo.

Após essa atividade, houve um questionamento com eles sobre suas expectativas e o motivo pelo qual escolheram as caixas. Todos foram pelo mesmo motivo: que a cor rosa é para meninas e a cor azul para meninos e, sob essa ótica, encontrariam os brinquedos com os quais eram acostumados ou gostariam de brincar, como mostra a reação do menino A e da menina 1 nas falas acima.

Durante a conversa sobre esse momento, foram orientados para o fato de que as cores não determinam o sexo, e que meninos e meninas podem se vestir com as cores que quisessem, assim como podem brincar com os brinquedos que mais gostam.

Ainda assim, como já foi estudado, a cultura fornece à criança estereótipos em relação a comportamentos e objetos de consumo femininos e masculinos, induzindo-a a seguir um padrão pré-determinado para o seu sexo biológico, sem dar liberdade para que ela possa explorar o ambiente, os brinquedos e brincadeiras de forma menos estereotipada.

Posteriormente, as crianças foram direcionadas para a sala de faz-de-conta e informadas de que lá eles poderiam brincar com todos os brinquedos, que ninguém iria repreendê-las ou falar que aquilo era certo ou errado. Neste espaço existem tanto fantasias quanto bonecas, casinhas, carros, quadro negro, entre outros. Neste segundo momento, foi possível fazer registros das crianças brincando sem tabus, se sentindo a vontade com a situação e manifestando o desejo de

experimentar novas brincadeiras, conforme é possível visualizar nas imagens abaixo.

Figura 1. Crianças em brincadeiras diversas.



Fonte: Autora. (2015)

Figura 2. Menino e menina dividindo os brinquedos.



Fonte: Autora. (2015)

Figura 3. Menino brincando em espaço diversificado.



Fonte: Autora. (2015)

Figura 4. Menino e meninas dividindo os brinquedos.



Fonte: Autora. (2015)

Figura 5. Meninas brincando de boneca.



Fonte: Autora. (2015)

Figura 6. Menino e meninas dividindo fantasias.



Fonte: Autora. (2015)

Na figura 1, observa-se um dos meninos brincando com a casinha e, ao fundo, dois brincando de escolinha (atividades consideradas femininas). Já na figura 2, uma menina divide o mesmo brinquedo com um menino, o que, segundo o padrão dessa turma, tenderia a acarretar uma discussão entre eles sobre quem teria “a razão” em querer brincar com aquele brinquedo. Na figura 3, há menino com carrinho observando as bonecas e pelúcias, o qual, posteriormente, ele foi

se aproximando e explorando as pelúcias que compunham aquele espaço. Por sua vez, na figura 4, um dos meninos brinca com uma boneca junto às meninas, sem que elas se incomodassem. Esse comportamento pode ter sido resultado da conversa que tivemos no momento anterior, sobre eles se sentirem à vontade para explorar o ambiente e sobre a não interferência sobre as escolhas que eles fariam.

As meninas brincando entre si na figura 5 revela o típico comportamento de gênero tradicional, em que elas comportam-se como mães e dão mamadeira à boneca na cama. Curiosamente, as duas crianças da foto são, em suas famílias, irmãs mais velhas, o que, possivelmente, faz com que repitam as cenas que veem em casa todos os dias.

Sobre essa condição feminina, Ortner (1979, p.102) justifica que:

Certamente tudo começa com o corpo e a função de procriação natural, específica somente às mulheres. Podemos extrair três níveis de discussão para os quais este fato absolutamente fisiológico tem importância: (1) *o corpo da mulher e suas funções*, na maior parte do tempo mais envolvidos com 'espécies de vida' parecem colocá-la mais próxima à natureza em contraste com a *fisiologia* masculina que o liberta mais completamente para assumir os esquemas da cultura; (2) o corpo feminino e suas funções coloca-a em papéis sociais, que por sua vez são considerados como sendo de uma classe inferior à dos homens no processo cultural; (3) os papéis sociais tradicionais femininos, impostos por seu corpo e suas funções, lhe dão, por sua vez, uma estrutura psíquica diferente, que como sua natureza fisiológica e seus papéis sociais é vista como mais próxima da natureza.

Assim, em nossa cultura, a mulher experimenta, desde criança, a condição de aprender a fazer as coisas para o marido e filhos, o que lança luzes para compreender os comportamentos de tantas meninas que, na brincadeira, imitam suas mães e reproduzem os comportamentos socialmente esperado em função de sua condição feminina, ou seja, cuidar da família.

Por fim, a figura 6 mostra um menino explorando as fantasias e colocando óculos de estrelas, usado na maioria das vezes pelas meninas. Ele disse que era "muito legal poder ter olhos de estrelas" e que iria ficar com ele.

Assim, após a experiência com as caixas, foi possível observar que as crianças se permitiram desfrutar de várias experiências sem receios. Pode-se observar que meninos e meninas brincam juntos e não houve intrigas ou risadas por um ou outro se interessar por brinquedos socialmente atribuídos às meninas.

Vale salientar que as representações de gênero são estruturadas nas práticas diárias, organizando-se de acordo com o mundo social do qual as crianças participam. No decorrer de suas experiências, meninos e meninas associam esquemas categóricos que serão base para suas classificações. Dessa maneira, é também função da escola oportunizar o contato com experiências diversificadas e favorecer o respeito e a convivência com as diferenças, tanto em relação ao sexo, gênero como no que tange a outras construções sociais.

Considerações Finais

A literatura sobre a construção da sexualidade e da identidade de gênero das crianças aponta que trata-se de um processo dinâmico e contínuo, através do qual meninas e meninos internalizam modelos de masculinidades e feminilidades a partir de padrões oriundos principalmente da família e da escola. Tal processo inicia-se antes mesmo do nascimento, na medida em que as expectativas dos pais já impactam na atribuição de sentido às manifestações daquele que ainda nem nasceu.

Os comportamentos infantis demonstram desde muito cedo essa internalização de padrões sociais no que diz respeito à sexualidade e ao gênero, os quais podem ser identificados no modo como as crianças brincam, interpretam e caracterizam o universo masculino e feminino, o que contribuirá para constituir sua orientação sexual e identidade de gênero.

Incluir as questões de sexualidade e de gênero nas práticas educacionais cotidianas significa

refletir diariamente sobre estas, discutindo preconceitos e estereótipos, modificando nossas próprias posturas, favorecendo assim que as crianças possam se relacionar com o próprio corpo e com os padrões sociais vigentes de forma mais autônoma e com respeito à diversidade. Para tanto, o próprio educador infantil precisa se abrir para novos paradigmas e buscar enfrentar os próprios preconceitos.

É necessário que os educadores percebam as relações existentes entre sexualidade, gênero e infância para que possamos proporcionar às crianças a oportunidade de explorar o ambiente, experimentarem múltiplos papéis sociais através de suas brincadeiras e interações, podendo assim viver sua infância de forma mais prazerosa, autônoma e respeitosa. Portanto, faz-se fundamental que os cursos de formação de professores abordem as questões de sexualidade e gênero, a fim de que tais questões possam ser discutidas academicamente e, desse modo, subsidiar práticas e intervenções que favoreçam nas crianças a construção de sua sexualidade e identidade de gênero.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998a.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MACEDO, L. Rumo à Maturidade. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 9, 2006.

MAIA, A. C. B.; SPAZIANI, R. B. Manifestações da sexualidade infantil: percepções de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, jan./jun. 2010.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 401-422.

MEAD, M. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papyrus, 1997.

ORTNER, S. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHIRE, Louise. **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.

RODRIGUES, C. P.; WECHSLER, A. M. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de Educação Infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, n. 1, v. 1, p. 89-104, 2014.

SAYÃO, D. T. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3, set./dez. 2003.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, R. C. P. da; MEGID NETO, J. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que dizem as pesquisas. **Ciência e Educação (Baurú)**, Bauru-SP, v. 12, n. 2, p. 185-197, maio/ago. 2006.

SILVEIRA, J. M. **Manifestações da sexualidade da criança na Educação Infantil: estranhamentos e desafios**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade de Goiás, Goiânia, 2010.

VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, n. 33, p. 265-283, jul./dez. 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Recebido em 14 de outubro de 2019.

Aceito em 21 de fevereiro de 2020.